

A educação da sociedade técnico-digitalizada

Bantu Mendonça Katchipwi Sayla

*Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Rádio e TV,
Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade
do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Bolsista da FAPESC*

Resumo

Diante da proposta de Paulo Freire, na obra “Pedagogia do Oprimido”, e das crises que envolvem o processo pedagógico nas sociedades contemporâneas caracterizadas pela globalização econômica e cultural bem como pela violência, criminalidade e pobreza, frutos crescentes de mídias eletrônicas e dos novos fascinantes objetos técnicos, inaugura-se o advento de um complexo modo de viver, de re-distribuir e de interagir com a cotidianidade das pessoas. No mundo globalizado se constroem vários significados por meio das formas simbólicas de linguagens que não poucas vezes fragilizam o tecido social, apresentando uma nova configuração da opressão imposta pelos donos dos meios de comunicação privados e públicos que disseminam de forma cada vez mais sofisticada a ideologia capitalista que exclui o pobre por ser pobre. Assim, para Paulo Freire, a opressão é exercida na medida em que se absorve o medo da liberdade, decorrente da hospedagem de uma consciência opressora. Como remar contra a maré capitalista? Quem é o responsável de tanta violência na aldeia global? Como resolvê-la? São perguntas que este artigo pretende responder através de uma pesquisa bibliográfica. As práticas históricas de resistência e oposição encontram-se presentes entre os diversos movimentos sociais que acreditam ainda ser possível a construção de um mundo mais humano e solidário. No caso do processo de ensino e aprendizagem, ao método da Pedagogia Libertadora de Paulo Freire que entende educação como processo de conscientização e proposição de alternativas às práticas de exclusão social e por isso, enquanto conscientizadora ela é um ato político. E a formação de professores tem um papel fundamental nesta empreitada.

Palavras-chave

Meios de comunicação; neoliberalismo; educação; ato político.

Abstract

Facing the Paulo Freire, in his work "Pedagogy of the Oppressed" and crisis involving the educational process in contemporary societies characterized by economic globalization and cultural as well as by violence, crime and poverty, fruit growing electronic media and new fascinating technical objects, opens up the advent of a complex mode of living, re-distribute and interact with everyday people. In the globalized world are built through various meanings of the symbolic forms of language that not infrequently erode the social fabric, presenting a new configuration of oppression imposed by the owners of private media and public that spread with ever more sophisticated capitalist ideology which excludes the poor for being poor. So, to Paulo Freire, the oppression is exercised to the extent that it absorbs the fear of freedom, arising from hosting an oppressive conscience. How to swim against the tide capitalist? Who is responsible for the violence in the global village? How to solve it? These are questions this article tries to answer through a literature search. The historical practices of resistance and opposition are present among the various social movements who believe still be possible to build a more human and compassionate. In the case of the teaching and learning, the method of Liberating Pedagogy of Paulo Freire who considers education as a process of awareness and proposing alternatives to the practices of social exclusion and therefore it is critical consciousness as a political act. And the training of teachers have a crucial role in this endeavor.

Keywords

Media; neoliberalism; education; political act.

1 – Releitura da sociedade atual

É do conhecimento de todos que a socialização seja um processo essencialmente ativo que se desenrola durante toda a vida por meio das políticas e das experiências vividas, não se limitando de modo algum a um simples treinamento realizado pela família, escola e outras instituições especializadas. Assim, os atuais processos de modernização da sociedade, através de uma inserção das novas tecnologias no cotidiano do mundo produtivo e da comunicação entre as pessoas, vêm intensificando formas de interação que priorizam o consumo e a ânsia do ter sobre o reconhecimento da dignidade e da solidariedade humana. Tal necessidade de consumo, de diferentes bens materiais e de satisfação humana, não têm se intimidado diante das dificuldades de oportunidade e acesso. Sob várias formas tais como roubos, seqüestros e homicídios a violência não interfere somente na sociedade capitalista. E sim ela afeta toda a sociedade. Pois, vidas têm-se perdido diante das necessidades imediatas de consumo. E a situação é tão horrenda que vivemos num mundo onde os filhos exploram e matam pais, netos atacam avós. São situações extremas da relação humana que demonstram uma fragmentação e fragilidade do tecido social atual. Os noticiários veiculados pelos meios de comunicação de massa são uma ameaça à ação da segurança pública, pode-se observar uma ênfase na veiculação de iniciativas de endurecimento junto às camadas mais pobres dos centros urbanos, por meio de divulgação enfática à realização das operações policiais. Parece existirem autoridades paralelas. A do Estado ou governo que defende a capitalismo citadino e a dos criminosos que defende o excluído, o pobre e por isso promove a violência. As duas camadas estão focalizadas. De um lado condomínios fechados e do outro os grupos sociais mais empobrecidos da sociedade nos morros e favelas. Pensando nessa desigualdade social Paulo Freire faz uma proposta, na obra “Pedagogia do Oprimido”, de conscientizar a sociedade para que através da pedagogia crítica as crianças, adolescentes, jovens e adultos refletissem sobre as crises que afetam as sociedades contemporâneas caracterizadas pela globalização econômica e cultural bem como pela violência, criminalidade e pobreza, que em nossos dias são frutos das crescentes mídias eletrônicas e dos novos fascinantes objetos técnicos. Que por sua vez, inauguram o advento de um complexo modo de viver e de interagir com a cotidianidade das pessoas. A questão é que, no mundo globalizado se constroem vários significados por meio das formas simbólicas de linguagens que fragilizam o tecido social. Apresenta-se uma nova configuração da opressão imposta pelos donos dos meios de comunicação privados e públicos que disseminam de forma cada vez mais sofisticada a ideologia capitalista que exclui o pobre por ser pobre.

A opressão é exercida quando se absorve o medo da liberdade, decorrente da hospedagem de uma consciência opressora. Como remar contra a maré capitalista? Quem é o responsável de tanta violência na aldeia global? Como resolvê-la? São perguntas que este artigo pretende responder através de uma pesquisa bibliográfica. As práticas históricas de resistência e oposição encontram-se presentes entre os diversos movimentos sociais que acreditam ainda ser possível a construção de um mundo mais humano e solidário. No processo de ensino e aprendizagem, Paulo Freire entende a educação como um ato de conscientização e proposição de alternativas às práticas de exclusão social e por isso, enquanto conscientizadora ela é um ato político. Isto porque a sociedade global do jeito como constituído e vem sido veiculado não tem contribuído para fortalecer no ser humano a necessidade de aproximação e solidariedade, o que nos leva a questionar o papel que os meios de comunicação vêm exercendo nos processos de fragilização do tecido social. Os meios de comunicação de massa vêm reforçando o processo de alienação, de modo a semear um sentimento de impotência diante dos bombardeamentos de informações, insistindo no conformismo e na aceitação passiva dos conteúdos noticiados, dificultando a capacidade de mobilização e reação da sociedade diante dos problemas sociais contemporâneos. Parece que na sociedade atual a violência prescreveu. E com razão Freire entende que:

Um dos elementos básicos na mediação opressores-oprimidos é a prescrição. Toda prescrição é a imposição da opção de uma consciência a outra. Daí, o sentido alienador das prescrições que transformam a consciência recebedora no que vimos chamando de consciência “hospedeira” da consciência opressora. Por isto, o comportamento dos oprimidos é um comportamento prescrito. Faz-se à base de pautas estranhas a eles – as pautas dos opressores. Os oprimidos, que introjetam a “sombra” dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade, à medida, em que esta, implicando na expulsão desta sombra, exigiria deles que “preenchessem”

o “vazio” deixado pela expulsão, com outro “conteúdo” – o de sua autonomia. O de sua responsabilidade, sem o que não seriam livres (1987, p. 34).

Os meios de comunicação de massa no mundo inteiro vêm se apoiando em redes de comunicação com interesses dominantes, de modo que as informações são parciais, o que expressa a não-neutralidade da veiculação de programas até de aqueles de entretenimento. A imprensa cria no imaginário popular a idéia de que algumas áreas da cidade devem ser evitadas, desestimulando e cerceando a liberdade de trânsito e de relação entre as pessoas. Cresce o sentimento de insegurança e medo, decorrente de um estranhamento mútuo, reforçado pela ênfase e insistência da imprensa nacional e internacional e dos meios de comunicação de massa na crueldade do ser humano: são relatos de adultos e velhos pedófilos, seqüestradores. Mas que barbaridade! Vivemos um momento em que a desumanização é tema manipulado por interesses. Fragilizam-se os laços afetivos entre as pessoas, inculcando um olhar preconceituoso e individualista no tratamento dos dramas humanos. E no lugar instaura-se um novo estilo de relacionamento: as comunidades virtuais. A desumanização é uma distorção da vocação humana e, por ser construção, deve ser enfrentada historicamente.

A desumanização, que não se verifica, apenas, nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é, porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o ser menos (Idem, p. 30).

Se nos perguntassem em consiste o processo da desumanização? A resposta seria óbvia: ele está precisamente na opressão. Tanto os meios de comunicação quanto o sistema educacional vigente, dialeticamente falando, garantem a perpetuação da opressão e de suas raízes, que estão no modelo social e econômico constituído historicamente. As inúmeras situações de violência que presenciamos não são resultado nem dos “desígnios de Deus” nem da natureza dos indivíduos que a cometem. As referidas duas instâncias de poder, meios de comunicação de massa e sistema educacional são servidores do Estado, de sua ideologia e de seu modelo concentrador de renda. Enfrentamos a hera do “Tsunami” global. Na mídia a violência no monopólio centralizador das concessões de TVs e Rádios, quanto aos formatos e conteúdos da programação. No sistema educacional a ausência de um projeto de nação emancipador, caracterizado pelos conteúdos alienantes, pela violação e sonegação da epistemologia. Faz-nos falta uma pesquisa que reflita verdadeiramente as necessidades da realidade educacional, precisaríamos de professores para os grandes segmentos, tanto na Educação Básica como na Superior, que ensinem os alunos a entender que a educação é um ato de reler a sua própria história de oprimido, assumi-la e modificá-la. E enquanto a modifica ele faz história e a política. Assim ele passa a ser não objeto e sim sujeito no mundo e com o mundo, convertendo-se em construtor consciente da sociedade em que vive.

Freire chama a atenção para a construção e formação de uma cultura de opressão na medida em que vão se permitindo a disseminação de valores e comportamentos individualistas e egoístas:

Em verdade, instaurada uma situação de violência, de opressão, ela gera toda uma forma de ser e comportar-se nos que estão envolvidos nela. Nos opressores e nos oprimidos. Uns e outros, porque concretamente banhados nesta situação, refletem a opressão que os marca. Na análise da situação concreta, existencial, de opressão, não podemos deixar de surpreender o seu nascimento num ato de violência que é inaugurado repetimos, pelos que têm poder (Idem, p. 45).

Ele contribui com a idéia de que é preciso que o oprimido busque reagir à manipulação do pensamento e ao cerceamento ideológico, de modo a conquistar uma real liberdade, uma real liberdade de pensamento.

A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem. Não é também a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual inclusive eles se alienam. Não é idéia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos. Dai a necessidade que se impõe de superar a situação opressora. Isto implica no reconhecimento crítico, na “razão” desta situação, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure outra, que possibilite aquela busca do ser mais (Idem, p. 34).

A seguir, trataremos da relação entre as categorias de pensamento do neoliberalismo penetram pela escola formal brasileira, através dos meios de comunicação de massa, sem que haja um sistemático trabalho de problematização da ideologia do consumo e da exploração do homem sobre o homem.

2 – A educação e neoliberalismo

No discurso neoliberal a educação deixa de ser parte do campo social e político para ingressar no mercado e funcionar a sua semelhança. Enfatizam-se aqui os riscos de estagnação que o estado do bem-estar social representa para a livre iniciativa: para a produção de bens de consumo, maquinário, para o mercado, para a nova ordem mundial. E concomitantemente a participação do Estado em políticas sociais se atribui a fonte de todos os males da situação econômica e social, tais como a inflação, a corrupção, o desperdício, a ineficiência dos serviços, os privilégios dos funcionários. No caso das políticas educacionais, observa-se uma presença marcante através das avaliações nacionais, que adotam indicadores de interesse internacional, orientadas por uma lógica de eficácia e eficiência. O controle dos conteúdos veiculados se dá através dessas avaliações e do próprio controle na formulação dos livros didáticos. Acompanhando a execução das políticas educacionais, mas que sofre com as artimanhas dos poderes locais, especialmente nas regiões mais atrasadas em termos de fiscalização formal e da própria sociedade; escolas públicas são obrigadas a exercer uma autonomia nem sempre amadurecida entre seus membros. Práticas pedagógicas nas escolas públicas oficiais mantêm um distanciamento entre os alunos e os conhecimentos sistematizados. São práticas pedagógicas que se intimidam diante das pirotecnias dos programas de TV, dos vídeos-games e dos sites de relacionamento da internet e, por isso, levam os professores a submeterem-se aos programas assistidos por toda a população, sem um questionamento crítico e criativo diante dos valores burgueses e hegemônicos e da banalização da relação humana veiculados. Paulo Freire faz uma interessante referência à consciência possessiva, presente no mundo do consumo como o que vemos veiculado insistente e exaustivamente pelas programações da TV e de outros meios de comunicação de massa. Nesse sentido, cabe problematizar a concepção estritamente materialista, que predomina sobre os conteúdos presentes nos diversos programas preparados para a mídia em geral:

Esta violência, como um processo, passa de geração a geração de opressores, que se vão fazendo legatários dela e formando-se no seu clima geral. Este clima cria nos opressores uma consciência fortemente possessiva. Possessiva do mundo e dos homens. Fora da posse direta, concreta, material, do mundo e dos homens, os opressores não se podem entender a si mesmos. Não podem ser. Daí que tendam a transformar tudo o que os cerca em objetos de seu domínio. A terra, os bens, a produção, a criação dos homens, os homens mesmos, o tempo em que estão os homens, tudo se reduz a objeto de seu comando. Nesta ânsia irrefreada de posse, desenvolvem em si a convicção de que lhes é possível transformar tudo a seu poder de compra. Daí a sua concepção estritamente materialista da existência. O dinheiro é a medida de todas as coisas. E o lucro, seu objetivo principal. Por isto é que, para os opressores, o que vale é ter

mais e cada vez mais, à custa, inclusive, do ter menos ou do nada ter dos oprimidos. Ser, para eles, é ter e ter como classe que tem. (Idem, p. 45-46).

Nas propostas educacionais neoliberais, pouca contestação crítica se observa nos projetos escolares do domínio do ter sobre o ser, o que aponta uma desvalorização das questões de uma formação ética humanista e solidária diante dos atrativos do mundo do consumo e das vaidades. Consta-se também que o sistema formal de educação no neoliberalismo acentuou a corrosão da identidade do professor. A indústria do livro didático destinado às escolas públicas, por exemplo, ganhou um espaço que resultou em grandes lucros para as editoras monopolizadoras e, somando-se a isto, continua a transformar o professor em mero tutor do material impresso. Se compararmos o ensino à distância às atividades em sala de aula na Educação Básica, verificaremos que nesta situação a educação à distância já está mais presente em todas as escolas, uma vez que o material didático, muitas vezes restrito ao livro, ampliou a distância entre o mundo do professor e o dos alunos. Podemos dizer que o professor é o tutor presente diariamente, enquanto na educação à distância encontramos os tutores presentes semanal, quinzenal e/ou mensalmente para acompanhar o contato do aluno com o material didático. Algumas políticas de Estado que buscam enfrentar a hegemonia neoliberal buscam “*personalizar e qualificar*” o trabalho pedagógico de modo a democratizar o acesso ao conhecimento sistematizado, destacando-se entre essas as iniciativas da Escola Cidadã. Personalizam o trabalho pedagógico no sentido de propiciar à escola formal um movimento de valorização de seus próprios saberes, de modo que o projeto político-pedagógico seja reflexo dos anseios da comunidade escolar. Entretanto, dada a configuração dos mandatos municipais e estaduais subsequentes, muitas iniciativas democrático-populares adotadas são esquecidas frente à ascensão e ou, eleição de administrações municipais conservadoras, o que leva as escolas dessa rede de ensino a sofrerem um processo de substituição e dissolução de projetos significativos. Qualificam no sentido de se promover uma gestão educacional cada vez mais participativa e democrática: nesse aspecto, ampliam-se as experiências acumuladas de implantação de conselhos escolares diferenciados, com natureza deliberativa; além de se multiplicar a realização de eleições de diretores de escola; finalmente, aspectos frágeis da escolar, como o movimento de enfrentamento às práticas de violência, discriminação e segregação, ganham adeptos na escola e na sociedade civil, destacando-se as experiências de grupos de educadores e pais envolvidos em projetos de Não-Violência e Cultura de Paz.

3 – Os Meios de comunicação e o neoliberalismo: Uma escola paralela.

Trata-se de um campo de reflexão decorrente dos novos modos de organizar o conhecimento e a informação, onde termos como educação e comunicação tornam-se convergentes em amplo sentido, não apenas na perspectiva interpessoal, mas também naquela mediada pelas novas tecnologias; Considere-se que tal campo possui dimensão teórico-prática, conforme sucintamente mostrado até aqui; Um destes aspectos teórico-práticos, indicam, que para se levar os meios de comunicação e as novas tecnologias para escola é preciso definir objetivos e planejar ações comunicativo-educacionais. Deste modo, parece pouco produtivo trabalhar com vídeo, jornal ou televisão na sala de aula como manifestações de circunstância ou apoios técnicos impostos à dinâmica escolar porque é preciso ‘modernizar o discurso pedagógico’. Trazer os meios para a escola significa incorporar uma nova maneira de organizar a sociedade e reconhecer outra dinâmica da cultura, agora marcada por forte urbanização e distintas relações com o tempo e o espaço. Vale dizer, falamos numa quase redução do conceito de instância pública ao de meios de comunicação. O neoliberalismo, ao longo do avanço tecnológico dos meios de comunicação de massa, precisou de um instrumento poderoso para a manutenção de seus valores ideológicos. As rádios e TVs, todas privatizadas, estão nas mãos dos responsáveis pela política neoliberal, e esses mesmos sujeitos estão no Congresso Nacional, no Executivo e em parte do Judiciário. Vejam que na Mídia questiona-se a tudo, menos a si própria, o que a caracteriza como o carro-chefe na formação de categorias de pensamento na maior parte de nossa população: a mídia aberta é inquestionável. Paulo Freire novamente torna claro o poder da manipulação do pensar sobre as camadas populares nas práticas antidialógicas:

A manipulação, na teoria da ação antidialógica, tal como a conquista a que serve, tem de anestesiar as massas populares para que não pensem. Se as massas associam à sua emergência, à sua presença no processo, sobre sua realidade, então sua ameaça se concretiza na revolução. Chame-se a este pensar certo de “consciência revolucionária” ou de “consciência de classe”, é indispensável à revolução, que não se faz sem ele. As elites dominadoras sabem tão bem disto que, em certos níveis seus, até instintivamente, usam todos os meios, mesmo a violência física, para proibir que as massas pensem. Têm uma profunda intuição da força criticizante do diálogo. Enquanto que, para alguns representantes da liderança revolucionária, o diálogo com as massas lhes dá a impressão de ser um que fazer “burguês e reacionário”, para os burgueses, o diálogo entre as massas e a liderança revolucionária é uma real ameaça, que há de ser evitada (1987, p. 146).

A inquestionabilidade da mídia, manifesto pelo seu antidiálogo com as massas populares, reflete o pressuposto de que não há liberdade de expressão no Brasil; e se não há, como poderemos nos convencer de que os fatos e discursos da grande mídia são verdadeiros e éticos? Os movimentos sociais populares que tanto põem em xeque a lisura e legalidade de diversas empresas privadas não são ouvidos, possuem espaços restritos para uma defesa quando são acusados na mídia aberta de baderneiros, invasores de terras produtivas, vandalismo, etc. O que vemos é a nova configuração da opressão, ou seja, uma estratégia utilizada pelos opressores para se firmarem e se perpetuarem no poder. Nesse sentido, a Pedagogia do Oprimido permanece atual, inclusive como referencial de resistência e luta contra um elemento poderoso das forças conservadoras: “os meios de comunicação de massa”, cujo papel formador e educativo está sendo infinitamente mais eficiente e eficaz do que as escolas e as universidades brasileiras. Tratando dos conteúdos enfatizados pelas forças opressoras, Paulo Freire, contribui com o conceito de invasão cultural e ajuda-nos a refletir sobre os condicionamentos de uma mídia comprometida com os valores e os interesses hegemônicos:

Finalmente, surpreendemos na teoria da ação anti-dialógica, outra característica fundamental, – a invasão cultural que, como as duas anteriores, serve à conquista. Desrespeitando as potencialidades do ser a que condiciona, a invasão cultural é a penetração que fazem os invasores no contexto cultural dos invadidos, impondo a estes sua visão do mundo, enquanto lhes freiam a criatividade, ao inibirem sua expansão. Neste sentido, a invasão cultural, indiscutivelmente alienante, realizada maciamente ou não, é sempre uma violência ao ser da cultura invadida, que perde sua originalidade ou se vê ameaçado de perdê-la. Por isto é que, na invasão cultural, como de resto em todas as modalidades da ação antidialógica, os invasores são os autores e os atores do processo, seu sujeito; os invadidos, seus objetos. Os invasores modelam; os invadidos são modelados. Os invasores optam; os invadidos seguem sua opção. Pelo menos é esta a expectativa daqueles. Os invasores atuam; os invadidos têm a ilusão de que atuam, na atuação dos invasores. A invasão cultural tem uma dupla face. De um lado, é já dominação; de outro, é tática de dominação (1987, p. 149 - 150).

Tendo em vista estes pressupostos compreendemos a importância de levarmos a comunicação e das novas tecnologias para a escola é não só um direito, mas um dever para com a cidadania. No caso específico do trabalho com as novas tecnologias da comunicação e da informação alguns avanços estão ocorrendo. Leda Maria Rangearo e Vânia Quintão Carneiro (TV na Escola e os desafios de hoje. Brasília, Ministério da Educação, 2000) mostram como programas de trabalho podem ser desenvolvidos neste campo e apontam suas áreas de abrangência junto ao ensino fundamental e médio: no cotidiano escolar: “contribui para o tratamento dos conteúdos, malgrado eventuais problemas de erros, superficialidades, linearidades. Assim pode-se conceder à leitura crítica, corrigindo, acertando, verificando alcances e limites”; na educação e na comunicação: “as tecnologias, neste caso, ganham novas funções e interações- não tecnicistas, evidentemente. Permitem saber como ocorrem os fluxos de comunicação. Como circulam seus conteúdos”; confronto de informações: “através da diversidade de veículos e linguagens é possível verificar como circulam as informações, o que permite mecanismos de comparação entre visões e conceitos que orientam as informações”. Trata-se, portanto, de criar novas formas de educar as novas gerações. Ademais;

A própria tecnologia educacional é também uma experiência significativa que transforma professores e alunos de consumidores em produtores, desmistificando-as: do cartaz ao livro e ao jornal da escola; das experiências com o uso conjugado da Internet com o rádio; da rádio à TV da escola; da criação do site da escola na Internet e tantas outras tecnologias que podem ser incorporadas ao ambiente escolar e, mais precisamente, ao processo de ensino-aprendizagem (CITELLI, 2006, p. 20)

É possível dizer que a comunicação educativa, educomunicação, comunicação e educação são termos que a rigor, “designam aquele campo teórico-prático cuja abrangência pode ser alcançada em torno de quatro variáveis fundamentais” (Ibidem). Educação para a comunicação “constituída pelas reflexões em torno da relação entre os pólos vivos do processo de comunicação, assim como, no campo pedagógico, pelos programas de formação de receptores autônomos e críticos frente aos meios” (Ibidem); mediação tecnológica na educação, os procedimentos e as reflexões em torno da presença e dos múltiplos usos das tecnologias da informação na educação; gestão comunicativa. Ações voltadas para o planejamento, execução e avaliação de planos, programas e projetos de intervenção social no espaço da inter-relação comunicação – cultura - educação são fundamentais para que os Meios de Comunicação eduquem e forme a sociedade. Se a relação mídia - escola está colocada na agenda dos educadores, evidentemente que a compreensão mais ampla do problema requisita o aporte dos estudos comunicacionais, tendo em vista sejam questões específicas geradas pelas mensagens midiáticas sejam as implicações no plano dos processos. Trata-se de um leque de abrangência que vai da definição ou resolução dos desafios operacionais impostos pelo funcionamento das novas tecnologias, - gravação de programas de rádio e televisão, acesso à internet, etc, passando pelo trabalho de reconhecimento das múltiplas “alfabetizações” midiáticas, chegando aos temas mais gerais envolvendo meios de comunicação e construção da sociedade democrática, cujos governos estarão mais comprometidos com a mudança da estrutura social e econômica, demonstrando explicitamente o rompimento com o imperialismo e o neoliberalismo. Apoiando as iniciativas dos movimentos sociais para afirmar que a resistência e a luta contra a opressão pode se realizar através de projetos educativos críticos propositivos e para que isso aconteça é fundamental a formação de professores.

4 – O Professor e os Meios de Comunicação de Massa

Já o frisamos que nos dias atuais, na maioria das sociedades, as mídias constituem um dos elementos mais importantes deste universo, especialmente as mídias digitais e as redes telemáticas, que tendem a penetrar, com grande impacto e conseqüências ainda desconhecidas, nas estruturas simbólicas da sociedade, e no cotidiano das crianças e adolescentes. É neste quadro, que se procede à formação dos professores, entendida em sua dimensão inicial ou mesmo continuada. E, aqui, se colocam para a discussão, duas instâncias: uma referente a este quadro de passagem entre os marcos institucionais e os organizacionais e outro atinente ao assunto que nos tem ocupado centralmente envolvendo as relações escola e mídia. O grande desafio passa a ser aquele de ao mesmo tempo estreitar de maneira produtiva os diálogos entre salas de aulas e dispositivos comunicacionais e não confundir instituições educativas com organizações, no sentido em que o termo foi previamente qualificado. Usamos as expressões estreitar e maneira produtiva visto tratar-se, em última análise, de agir sobre linguagens que já habitam o universo de alunos, professores, funcionários e equipes técnicas das escolas. A televisão, o rádio, o jornal, a internet, se encontram há muito nas salas de aula, malgrado sob uma não presença dos suportes. O fato de uma unidade escolar não possuir aparelho de televisão, o que é cada vez mais raro, não impede que os temas por ela postos em circulação cheguem às aulas, aos pátios, às conversas nos corredores. Pois, o que circula nos meios já é objeto de reconhecimento social, correndo o risco de ser, pura e simplesmente, validado como expressão única da verdade e da realidade. Desta sorte, ao trazer as linguagens midiáticas para a sala de aula não se está, de maneira liminar, legitimando-as. Chama-se atenção para este ponto porque é constante o seu retorno quando são discutidas as relações escola - meios de comunicação/novas tecnologias. Parece inócuo, portanto, imaginar que uma instituição tenha maior ou menor capacidade de legitimar algo que já foi socialmente reconhecido. Ademais, as agências educativas não podem ter seus limites funcionais determinados pelo conceito de organização, ainda que, repetimos, o processo esteja em marcha. Pelo menos a formação dos professores requisita

matéria e dinâmicas distintas daquelas que alcançam o vendedor do supermercado, da agência de automóveis, dos especuladores bancários, dos aplicadores nos mercados de capitais. O docente não possui cliente, freguês, mesmo porque o aluno não é comprador, consumidor – pelo menos na situação específica de sala de aula. Conhecimento inovador, consciência crítica, abertura do espírito, ativação da sensibilidade, recolha de informações relevantes, construção de projetos, amadurecimento intelectual; sendo termos que circulam no universo vocabular da escola não precisam estar, e geralmente não estão, na gôndola do Wal Mart, no balcão do MacDonald, nas operações especulativas, no caixa do banco, nas fábricas de automóveis. Fixados estes pontos, retomemos o problema da formação do professor em sua dupla chave: inicial, aquela resultante dos cursos de licenciatura, e a em serviço, também chamada de permanente ou continuada e que deverá prolongar-se por toda vida. Tais etapas, infelizmente, não têm sido articuladas como partes de um processo, senão enquanto momentos distintos capazes ou não de encontrarem-se nalgum ponto da vida profissional do docente. Daí a compreensão corrente segundo a qual o enunciado foi formado é mais importante do que estou sendo formado. Ou ainda, a verificação de que o simples anúncio foi formado em, por é suficiente para perpetuar diferenciais futuros. Quando a esta descontinuidade verifica-se o outro lado da moeda, e que leva muitos docentes a aceitarem cursos de reciclagem ou de treinamento, espécie de verniz que joga com enunciado estou sendo formado, como sinônimos de formação permanente. Convém lembrar, neste aspecto, que o Educomunicação deve criar alternativas novas enquanto programa de médio prazo e que incluía a interlocução entre cursistas/tutores/coordenadores, utilizando, para tanto, metodologia ao mesmo tempo capaz de propor reflexões/ações e recriação de alternativas teórico/práticas impostas pela dinâmica das atividades. O movimento de criar e recriar resultou das próprias indagações e desafios sugeridos pela dinâmica do trabalho. Vários projetos que lemos para elaborar o presente texto apontam a necessidade de “promover um ambiente educacional na escola em que professores e alunos possam adquirir competências necessárias para o seu crescimento pessoal e manifestação de sua criatividade” (CITELLI, 2006, p. 9). Como se vê programas de treinamento já não se ajustam aos objetivos de muitos professores. Para concretização desses princípios pedagógicos, é preciso assumir uma postura dialógica na perspectiva libertadora, como princípio educativo acreditando, como afirma Paulo Freire que “existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar” (1987, p. 78). Soma-se ao diálogo a gestão democrática das práticas de educação, o zelo, a liberdade e a solidariedade como atitudes nas práticas educativas.

Portanto, a via afetivo dialógica no processo ensino aprendizagem das novas técnico/digitais, tornou-se o espaço de resistência, luta mais expressiva e importante do nosso país, sobretudo quando compreende o papel dos meios de comunicação de massa e o sistema formal de ensino como inimigos do processo emancipatório e libertador. É possível inferir que a necessidade de reformulação do sistema formal de educação e dos meios de comunicação de massa é um fato. Todavia, para se implantar efetivamente uma reformulação será necessária uma revolução de caráter político e cultural para que seja possível corroer as atuais categorias de pensamento hegemônico que regem as atuais práticas sociais. A continuação deste trabalho está na grande aposta da formação de professores. Porque não se pode negar que as mídias desestabilizam a fronteira entre as esferas pública e privada, entre infância e idade adulta, criando condições novas, nas quais a dependência das crianças se torna problema, e sua participação pode ser construída e ampliada. Brinquedos tecnológicos, tecnologias de informação e comunicação, tecnologias de reprodução humana, clonagem, fármacos e outras técnicas estão mudando os modos de ser das crianças, o papel e o estatuto da infância nas sociedades contemporâneas, e desestabilizando limites e oposições tidos como evidentes e garantidos na modernidade. Mídias eletrônicas cada vez mais sofisticadas, com graus de interatividade incrementados, integradas a redes telemáticas que permitem contatos on-line com seres humanos e não humanos em todo o planeta, representam um grande desafio para os estudos da infância e, por extensão, para o conhecimento e as práticas na educação. E se não se apostar na formação de professores que façam ajudem as crianças e adolescentes o senso crítico, teremos uma sociedade completamente “maquinificada”, ou seja, robotizada. Pois, “as crianças consideram computadores – máquinas que pensam e falam – como seres vivos com consciência e sentimentos, revolucionando os limites estabelecidos entre humanos e técnicas” (TURKLE, 1997). Portanto, a formação de professores técnico/digitais são a nosso ver, os pilares de sustentação da utopia de que é possível outra forma de organização da educação das crianças sociedade e da economia tecnicodigitalizada: mais humanizada, humanizadora e libertadora.

Referências

ALBARICO, Santiago. **Capitalismo y nihilismo - Dialectica del hambre y la mirada**. Akal Ediciones, 2007.

CITELLI, Adilson Odair. **Meios de comunicação e Educação: Desafios para a formação de docentes**. UNIrevista - Vol. 1, n° 3, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 38ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

SERRANO, Pascual. **Medios violentos. Palabras e imagenes para el odio y la guerra**. El Viejo Topo, 2008.

TRINDADE, Gestine Cássia (org.) et al. **A educação no movimento dos atingidos por barragens**. Caderno pedagógico, Tramandaí, Ísis, 2005.

TURKLE, S. **A vida no Ecrã**. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.